



Edifes
ACADÊMICO

Bruno Nicoli Pimenta
Nelson Martinelli Filho

DITADURA E TESTEMUNHO NA ESCOLA

MEMÓRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR



Bruno Nicoli Pimenta
Nelson Martinelli Filho

DITADURA E TESTEMUNHO NA ESCOLA

MEMÓRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR



Edifes
ACADÊMICO

Vitória
2023



Edifes

Editora do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
R. Barão de Mauá, nº 30 - Jucutuquara
29040-689 - Vitória - ES
www.edifes.ifes.edu.br | editora@ifes.edu.br

Reitor: Jadir José Pela

Pró-Reitor de Administração e Orçamento: Lezi José Ferreira

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional: Luciano de Oliveira Toledo

Pró-Reitora de Ensino: Adriana Pionttkovsky Barcellos

Pró-Reitor de Extensão: Lodovico Ortlieb Faria

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: André Romero da Silva

Coordenador da Edifes: Adonai José Lacruz

Conselho Editorial

Aline Freitas da Silva de Carvalho * Aparecida de Fátima Madella de Oliveira *
Eduardo Fausto Kuster Cid * Felipe Zamborlini Saiter * Filipe Ferreira Ghidetti *
Gabriel Domingos Carvalho * Jamille Locatelli * Marcio de Souza Bolzan * Mariella
Berger Andrade * Ricardo Ramos Costa * Rosana Vilarim da Silva * Rossanna dos
Santos Santana Rubim * Viviane Bessa Lopes Alvarenga.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

P644d Pimenta, Bruno Nicoli
Ditadura e testemunho na escola [recurso eletrônico]: memória e
formação do leitor / Bruno Nicoli Pimenta, Nelson Martinelli Filho. – 1. ed.
- Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2023.
95 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-8263-723-4 (E-book)

1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Polari, Alex, 1950-. 3. Prática de
ensino – Leitura. 4. Professores – Formação. 5. Ditadura - Brasil. 6.
Língua portuguesa (Ensino fundamental) – Estudo e ensino. I. Martinelli
Filho, Nelson. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 807

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG – 3.116

Revisão de texto:	Projeto gráfico:	Diagramação:	Capa:	Imagem de Capa:
Bruno Nicoli Pimenta	Bernnardo Diogo Nunes Souza	Bernnardo Diogo Nunes Souza	Bernnardo Diogo Nunes Souza	Wikimedia Commons

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecário(a) responsável: Ronald Aguiar Nascimento – CRB 6/MG – 3.116

DOI: 10.36524/9788582637234

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição -
Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Brasil.





INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
(IFES) - Campus Vitória
Av. Vitória, 1729 - Jucutuquara - Vitória -
ES - CEP: 29040-780

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL
EM LETRAS - PROFLETRAS

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Marcelo Ferraz de Paula - UFG
Prof. Dra. Mariana Passos Ramalhete - IFES

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Bernnardo Diogo Nunes Souza

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO
Programa PROFLETRAS / IFES

Foto capa: Wikimedia Commons

JADIR JOSÉ PELA

Reitor

ANDRÉ ROMERO DA SILVA

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

LODOVICO ORTLIEB FARIA

Pró-Reitor de Extensão

ADRIANA PIONTTKOVSKY BARCELLOS

Pró-Reitora de Ensino

LEZI JOSÉ FERREIRA

Pró-Reitor de Administração e Orçamento

LUCIANO DE OLIVEIRA TOLEDO

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

IFES - CAMPUS VITÓRIA

HUDSON LUIZ COGO

Diretor Geral

LUCIANO LESSA LORENZONI

Diretor de Ensino

TELMA CAROLINA SMITH

Diretora de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI

Diretora de Administração

ANDRÉ GUSTAVO DE SOUSA GALDINO

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

ANTÔNIO CARLOS GOMES

Coordenador do Profletras

ILUSTRAÇÕES

As imagens aproveitadas neste material foram retiradas do acesso público Google. Em respeito a seus autores, citamos os links para as fontes dos textos e imagens, pois nossa finalidade com esta publicação é tão somente educativa.

SOBRE OS AUTORES

BRUNO NICOLI PIMENTA

Licenciado em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo (2011), com especialização em Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulysses Boyd (2012) e Mestrado em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras - Profletras (2023). Atualmente é professor da rede pública estadual de ensino do Espírito Santo.

NELSON MARTINELLI FILHO

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo, com pós-doutorado em Letras pela mesma instituição. Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-2 do CNPq. Professor do Instituto Federal do Espírito Santo, atuando como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGL/Ufes), professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH/Ifes) e professor colaborador do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras/UFRN/Ifes).

SUMÁRIO

- APRESENTAÇÃO.....07
- DITADURA E RESISTÊNCIA.....08
- LITERATURA DE TESTEMUNHO.....12
- ALEX POLARI: TRAJETÓRIA DO POETA.....15
- OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA.....44
- AGRADECIMENTOS.....75
- REFERÊNCIAS.....77
- APÊNDICES.....81

APRESENTAÇÃO

Caro(a) professor(a),

Este material educacional foi produzido a partir da pesquisa de mestrado intitulada - "O testemunho e a poesia de Alex Polari na formação do leitor literário no ensino fundamental II" - realizada por Bruno Nicoli Pimenta, sob orientação do Prof. Dr. Nelson Martinelli Filho. A pesquisa foi desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras - Profletras pelo Instituto Federal do Espírito Santo - Vitória/ES, fomentada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com Coordenação Nacional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Trata-se de um caderno de atividades de leitura de poemas do autor Alex Polari de Alverga, preso político durante a ditadura militar brasileira. Apresenta-se como uma possibilidade para professores de Língua Portuguesa, atuantes no Ensino Fundamental II ou no Ensino Médio, na realização de práticas de leitura literária - poesia - em sala de aula. Não há, entretanto, a pretensão de se apresentar como um material prescritivo, podendo ser adaptado pelo professor ao contexto em que for utilizado.

Gostaríamos de, com este produto educativo, dispor de elementos para provocar, nas escolas ou em outros espaços educacionais, reflexões que levem à compreensão da importância de não se deixar cair no esquecimento atrocidades como a tortura e a censura ocorridas durante a ditadura militar no Brasil, na tentativa de colaborar para que tais atos não se repitam. Além disso, a partir das leituras dos textos aqui sugeridos, buscamos contribuir com a formação de leitores críticos capazes de questionar e de se posicionar diante de sua realidade.

Dessa forma, esperamos que este material seja um ponto de partida para que professores e professoras direcionem suas aulas de modo que a literatura seja inserida no cotidiano dos leitores em idade escolar e que esta seja transformadora, em sua plenitude, na formação humana.

Boa leitura!



DITADURA E RESISTÊNCIA



Tomada do Forte de Copacabana, Rio de Janeiro, 1964.
Foto de Evandro Teixeira/ Acervo IMS

DITADURA E RESISTÊNCIA

A ditadura militar no Brasil foi um período tenebroso de nossa história em que o país esteve sob o comando dos militares, que, por meio de um golpe, depuseram o presidente João Goulart com a justificativa de livrar o país da ameaça comunista e instauraram um regime autoritário no país que vigorou de 1964 a 1985. Durante esse período, toda oposição ao governo foi duramente reprimida com muita truculência. As prisões dos ditos subversivos eram frequentes e, muitas vezes, ilegais. Após o AI-5, o regime endureceu e muitos militantes de esquerda, dentre eles estudantes, professores, sindicalistas e políticos, se tornaram alvo das autoridades.

A presença dos militares no governo trouxe graves consequências à democracia como a censura dos meios de comunicação e das manifestações artísticas, o fechamento do congresso nacional, a proibição de expressar-se contrariamente ao regime, prisões arbitrárias, torturas, desaparecimentos e assassinatos.

Com o aumento do autoritarismo e sem a possibilidade de diálogo, opositores do sistema decidiram combater a ditadura de um modo mais radical: a luta armada. Dessa forma, surgiram grupos de resistência, dentre eles MR-8, VPR, COLINA, ALN, VAR-Palmares, que compuseram o que ficou conhecido como guerrilha urbana. Sem alternativas, esses grupos fizeram operações de expropriações de bancos e comércio, roubos de armas e sequestros. Houve, também, alguns assassinatos por parte dos guerrilheiros, os conhecidos justicamentos, mas tudo isso em nome de um ideal, que era a queda da ditadura.



No final dos anos 70, devido a pressões de órgãos internacionais que denunciavam o desrespeito aos direitos humanos no Brasil, as prisões e as torturas começaram a diminuir e um processo de abertura política teve início no país. Aos poucos as manifestações de resistência, mesmo que ainda proibidas, voltaram a acontecer e a população contrária ao regime se sentiu encorajada a retornar às ruas pedindo por democracia.

A Lei da Anistia foi promulgada em 1979 e permitiu que os exilados pudessem voltar ao país, assim como deferiu liberdade aos presos políticos. Porém, essa lei também concedeu o perdão aos algozes da ditadura, o que significa dizer que os torturadores e assassinos não puderam ser responsabilizados por seus crimes.



Caça ao estudante. Sexta-feira Sangrenta. Rio de Janeiro, 1968.
Fotografia de Evandro Teixeira/Acervo IMS

O período da ditadura militar deixou um legado de violência e opressão no Brasil. As prisões e as torturas foram apenas uma parte desse legado, que inclui também a censura à imprensa, a perseguição a artistas e intelectuais e a supressão das liberdades civis. Em outras palavras, o período da ditadura militar provocou feridas profundas na sociedade brasileira. Apesar das tentativas do regime de silenciar a resistência, muitos militantes de oposição ao autoritarismo continuam atentos na luta pela democracia, deixando uma herança de coragem e obstinação para as gerações futuras.



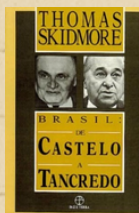
Foto: Evandro Teixeira / Acervo IMS

**Para saber mais sobre a ditadura militar
no Brasil leia:**

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.



GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**.
2ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.



LITERATURA DE TESTEMUNHO



Foto: Arquivo Nacional

LITERATURA DE TESTEMUNHO

A literatura de testemunho é uma forma de registrar a história a partir da perspectiva dos que viveram momentos de extrema violência, opressão e injustiça. Por meio dela é possível dar voz aos que foram silenciados e lembrar as atrocidades cometidas em regimes autoritários e ditatoriais. Essas obras testemunhais são importantes não apenas do ponto de vista literário, mas também histórico, social e político, pois ajudam a compreender a realidade vivida por muitos em momentos de crise.

Dessa forma, é possível dizer que a literatura de testemunho pode registrar e relatar experiências pessoais, sociais, políticas e culturais que marcaram a vida de um indivíduo ou de um grupo de pessoas diante de situações-limite. É uma forma narrativa ou poética que busca dar voz aos que não têm voz, denunciar injustiças, registrar memórias coletivas e individuais e, sobretudo, não esquecer. Podemos também dizer que ela é derivada de formas mais amplas de testemunho de vítimas, na perspectiva do sobrevivente, da testemunha ocular e, por extensão, do testemunho solidário, que é aquele que não passou pela experiência, mas contribui para a conservação da memória.

Esse gênero literário surgiu em momentos históricos cruciais como forma de resistência e de luta contra regimes autoritários e ditatoriais. Na América Latina, por exemplo, a literatura de testemunho ganhou força durante as ditaduras militares que assolaram o continente nas décadas de 1960 e 1970. A partir desse período, a literatura de testemunho se consolidou como um importante meio de denúncia dos abusos cometidos pelos regimes militares, além de ser uma forma de resistência cultural e política.



No Brasil, a literatura de testemunho teve sua relevância durante a ditadura militar, especialmente após a promulgação do AI-5, em 1968, período em que muitas vítimas elaboraram suas experiências de violência provocadas pelo Estado brasileiro. Dentre os autores que se destacaram relatando suas vivências durante a repressão estão Fernando Gabeira, que em O que é isso, Companheiro? narra sua experiência como guerrilheiro durante a ditadura, Alfredo Sirkis com seu Os carbonários e Renato Tapajós, Em câmara lenta. Na poesia, podemos ressaltar Pedro Tierra, Gilney Viana e Alex Polari.

A proposta deste material é, portanto, levar o testemunho e a poesia de Alex Polari para os espaços estudantis de modo que as novas gerações possam conhecer a dor e o sofrimento a que opositores do regime militar foram submetidos e, ao mesmo tempo, aproximar literatura e estudantes, na tentativa de garantir que o texto literário, sobretudo a poesia, seja parte integrante de uma educação transformadora e desenvolvedora do pensamento crítico.

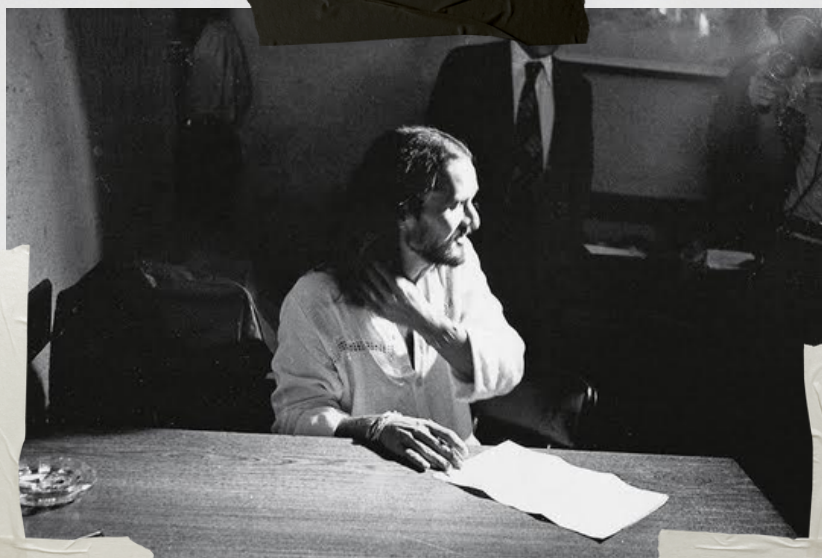
Para saber mais sobre a literatura de testemunho leia:



SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du RAP). **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S.l.], v. 19, n. 31, dez. 2012. ISSN 2446-6905. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610/16155>>.

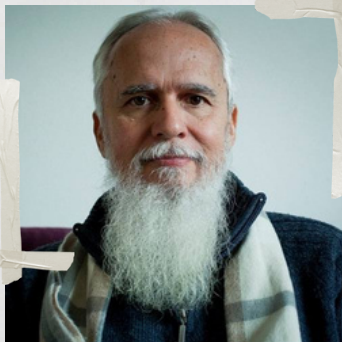
ALEX POLARI : TRAJETÓRIA DO POETA



Alex Polari assinando o documento de sua soltura.

Fonte: www.socialistamorena.com.br

ALEX POLARI: TRAJETÓRIA DO POETA



Alex Polari

Fonte: <https://soundcloud.com/canaljagube>

Alex Polari de Alverga nasceu em 1950, na cidade de João Pessoa, Paraíba. Em sua infância, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu grande parte de sua vida. Durante o período em que frequentava o colégio Pedro II, na década de 60, Polari se interessou pelos ideais marxistas e passou a participar de reuniões de estudantes que lutavam contra a ditadura militar vigente no país na época. No início de sua atuação nos movimentos estudantis, Polari se engajou em ações consideradas de pouco impacto, como a realização de pichações com palavras de ordem, pequenas passeatas, colocação de cartazes e distribuição de panfletos contra a ditadura e os acordos MEC-USAID. Além disso, o tempo livre era preenchido com atividades como o surfe, o bronzearo na praia e o voleibol.



Repressão policial durante a missa de 7^o dia do estudante Edson Luís.

Foto: Evandro Teixeira

Fonte: blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br

A partir de 68, no entanto, a repressão contra os movimentos estudantis foi intensificada e em março do mesmo ano, após uma passeata que reivindicava melhorias na educação e nas condições do restaurante Calabouço - local frequentado por estudantes e de grande efervescência política - o estudante Edson Luís acabou sendo morto pela polícia.

Em 13 de dezembro de 1968, foi decretado o Ato Institucional n^o. 5 (AI-5), que praticamente extinguiu os direitos individuais dos cidadãos. O documento previa a cassação de mandatos eletivos, suspensão dos direitos políticos, proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política, liberdade vigiada, suspensão da garantia ao habeas corpus, entre outros (BRASIL, 1968).



A partir da decretação do AI-5, os aparelhos repressores estavam autorizados a agir de forma mais dura e o que ocorreu a partir de então foi uma violência generalizada por parte do Estado brasileiro. Esse período ficou conhecido como "anos de chumbo".

Com o endurecimento do regime, começaram a surgir também grupos de resistência e é nesse momento que Alex Polari começa a participar de forma mais concreta de ações contra a repressão. Vários grupos armados se estabeleceram e compuseram o que se nomeou de guerrilha urbana, inspirados na luta armada e exitosa que havia ocorrido em Cuba anos antes, liderada por Fidel Castro e Che Guevara para derrubar o governo de Fulgêncio Batista.

Nessa mesma época, o cenário começou realmente a mudar. A repressão de fato se tornava mais séria e violenta. Essa mudança era percebida pelos revolucionários, que notavam que a postura diante dos acontecimentos deveria ser outra. Havia uma preocupação de que deveriam ser feitas operações que envolvessem mais responsabilidade e protagonismo traduzidos num uso mais efetivo de armas.



Fonte: centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br

Já na clandestinidade, Alex Polari participou de diversas ações armadas como assaltos a bancos e a comércios. Participou, inclusive, de algumas operações comandadas por Carlos Lamarca, dentre elas uma expropriação na casa da secretária de Adhemar de Barros, ex-governador de São Paulo, notório corrupto e apoiador do golpe de 64. Na ocasião, os membros da VAR-Palmares - onze homens e duas mulheres - entraram na casa se identificando como agentes da polícia federal em busca de material subversivo e levaram um cofre com cerca de 2,6 milhões de dólares da residência, o que garantiu estabilidade nas incursões do grupo por certo período, porém, não se sabe ao certo onde todo esse dinheiro foi parar (GASPARI, 2014, p. 54-56).

Contudo, as ações mais relevantes que tiveram a participação de Polari talvez tenham sido as que envolveram os sequestros dos embaixadores alemão e suíço pela VPR.

Durante a ditadura, guerrilheiros de grupos distintos sequestraram quatro embaixadores em momentos diferentes. O primeiro deles foi o embaixador americano Charles Burke Elbrick em setembro de 1969. Em troca da liberdade do embaixador, os revolucionários exigiam a libertação de 15 presos políticos, que sofriam nos porões da ditadura nas mãos dos torturadores, além da leitura de um manifesto revolucionário em todas as rádios brasileiras (SKIDMORE, 1988, p. 204).





Presos políticos trocados pela libertação do embaixador americano Charles Elbrick em 1969. Fonte: <https://operamundi.uol.com.br>

Em março de 1970, o cônsul geral do Japão, Nobuo Okuchi, foi levado e mantido em cárcere até que 5 presos políticos indicados fossem enviados para o México (SKIDMORE, 1988, p. 234).

Em junho do mesmo ano, a VPR sequestrou, no Rio de Janeiro, o embaixador da Alemanha Ocidental Ehrenfried von Holleben. Como resgate, o grupo pediu a libertação de 40 prisioneiros especificados e a publicação de outro manifesto que criticava duramente a ditadura (SKIDMORE, 1988, p. 235).



40 presos políticos libertados em troca do embaixador alemão
Fonte: <https://oglobo.globo.com/acervo/fatos-historicos>

O sequestro de Giovanni Enrico Bucher, embaixador suíço, ocorreu em dezembro de 1970. Na ocasião, seu segurança acabou morto na operação. As condições para a libertação do diplomata eram a liberdade de 70 prisioneiros discriminados pelos guerrilheiros, divulgação de manifesto contrário ao governo Médici a cada quatro horas e gratuidade nas viagens de trem para a população da periferia do Rio de Janeiro. Nem todas as exigências foram atendidas. O governo não cedeu ao pedido de viagens gratuitas de trem e se negou a libertar alguns detentos.



Cena após o sequestro do embaixador
suíço Giovanni Bucher

Fonte: <https://arfoc.org.br/>

Cogitou-se a possibilidade de executar o embaixador, porém Lamarca interferiu em favor da vida do diplomata e as negociações continuaram. Cerca de 40 dias depois, os nomes vetados foram substituídos por outros e 70 presos foram enviados ao Chile. O embaixador suíço, então, foi libertado (SKIDMORE, 1988, p. 236-239).

Sem dúvida, Alex Polari conseguiu resistir durante um bom tempo na clandestinidade, mesmo em tempos de investigações e de ações bem intensificadas por parte dos órgãos repressores. Porém, no dia 12 de maio de 1971, o combatente seria cercado em uma emboscada organizada por agentes do DOPS em uma rua bem próxima ao aparelho onde residia.

Polari (1982a) revela que no fatídico dia, por volta das sete da noite, ele iria cobrir um ponto - uma garagem - que ficava próximo ao seu esconderijo. Lá ele esperava encontrar Ronaldo, um companheiro que havia marcado uma conversa na garagem dois dias antes. O curto percurso foi feito em um fusca bege. No caminho, Alex se encontrou com Walter, que fazia sua segurança. Os dois seguiram, então, para o destino.

O ex-guerrilheiro relata que havia descido do carro, mas, ao perceber o que estava prestes a acontecer, entrou novamente no veículo que ainda estava com o motor ligado e, sob tiros vindo de todos os lados, empreendeu fuga na direção contrária à qual havia entrado na rua. O que ocorreu nos momentos seguintes, como afirma o poeta, foi uma perseguição policial digna de filmes de "Hollywood" em plena hora do "Rush" nas ruas do Rio de Janeiro, com direito a sirenes, luzes e vidros estilhaçados (POLARI, 1982a, p. 38-40).

Após ser capturado, Alex Polari foi levado diretamente para o DOPS do Rio de Janeiro. O poeta relata que durante o percurso sofreu todo tipo de hostilização como xingamentos e cutucadas com os canos das armas que lhe eram apontadas durante todo o caminho (POLARI, 1982a, p. 45).



Prédio sede do DOPS no Rio de Janeiro
foto de 1957

Fonte: <https://www.gov.br/memoriasreveladas>

Ao chegar ao destino, o detento era aguardado pelos trabalhadores daquela instituição, que ficaram até mais tarde para ver a atração da noite: “Várias luzes acesas nos outros andares. Funcionários escrivães (sic), policiais, torturadores, faxineiros, todos dependurados na amurada do segundo andar. Eu era o espetáculo. O motivo do serão coletivo naquela noite” (POLARI, 1982a, p. 71).

Durante a ditadura militar no Brasil, as torturas também foram utilizadas de forma sistemática pelos aparelhos repressivos desde 1964 e se estenderam até os anos finais do regime. Skidmore (1988) observa que a tortura de suspeitos políticos começou dias depois do golpe de 1964, muito antes do surgimento dos grupos armados de oposição. Porém, é a partir de 1968 que a tortura começa a se intensificar.

O surgimento das operações de expropriações e sequestros por parte dos revolucionários foi o pretexto necessário para justificar o uso da força pelos militares (SKIDMORE, 1988, p. 249-250).

Para os militares, a tortura se mostrou um método eficaz de combate a ações dos ditos subversivos (embora seja de amplo conhecimento o fato de terem ocorrido também prisões e tortura de pessoas que não tinham nenhuma ligação com os movimentos de resistência). O uso excessivo da força nos interrogatórios era considerado bastante producente, pois resultava em mais prisões, visto que muitos torturados, por conta do suplício, acabavam revelando estratégias, planos, esconderijos e nomes de companheiros de luta. Assim, firmaram-se alguns procedimentos brutais durante a averiguação de informações de prisioneiros como o pau de arara, a cadeira do dragão, a geladeira, os afogamentos, agressões físicas de todo o tipo, os choques elétricos e outras inúmeras formas peculiares com que se infligia a dor. Sobre esse aspecto, Skidmore descreve:

Em resumo, o governo brasileiro estava agora, em meados de 1969, usando todos os meios (tortura de criancinhas na presença de seus pais e estupro de uma mulher por verdadeira quadrilha diante do seu marido foram documentados) para obter informações necessárias ao extermínio da ameaça guerrilheira. As torturas dos suspeitos às vezes duravam até dois meses, mesmo quando os inquisidores já haviam perdido as esperanças de extrair a mínima informação. A tortura transformara-se em horrível ritual num ataque calculado à alma e ao corpo (SKIDMORE, 1988, p. 180-181).



Pau de arara: um dos métodos de tortura mais utilizados pela ditadura
Fonte: www.esquerda.net

As torturas, assim, faziam parte do modus operandi dos aparelhos repressivos contra os inimigos do regime e, o então guerrilheiro, Alex Polari, seria mais uma de suas vítimas.

Segundo os relatos de Polari, as torturas contra ele tiveram início assim que ele ingressou nas dependências do DOPS. O prisioneiro foi encaminhado diretamente para uma sala do segundo andar. Ao entrar na sala foi golpeado com a coronha de uma metralhadora na cabeça que o fez desmaiar. Acordou no chão com a cabeça ensanguentada e foi erguido pelos policiais. O nervosismo que tomava conta de seu corpo fazia com que suas pernas e mãos se movimentassem constantemente.

Ao vê-lo nessa situação, um dos policiais disse que o detido era treinado para não falar e que aquilo era uma estratégia para não sentir as dores da tortura, já que “mexendo antes os músculos, sente menos os choques” (POLARI, 1982a, p. 73). Na sequência, colocaram-lhe um capuz e o levaram para outra sala refrigerada a qual chamavam de “técnica”. Sem visão do caminho, o conduzido constantemente batia em paredes e pilastras e era obrigado a percorrer agachado trechos do percurso para desviar de obstáculos que não existiam, tudo isso como forma de humilhação e deboche para o deleite dos carcereiros. Contudo, a ida até a “técnica” tinha o objetivo de se fazer um registro fotográfico do preso, o que contribuiu para que houvesse a oficialização de sua prisão, tranquilizando, de certa forma, o recém-prisioneiro, pois a formalização de sua detenção diminuía as chances de ele ser morto ou “desaparecido” (POLARI, 1982, p. 78).

De volta à sala inicial, teve início a primeira sessão de tortura a que Alex Polari foi submetido. Num primeiro momento, já com o corpo nu, houve uma sequência de chutes e pontapés que os torturadores chamavam de amaciamento. Logo após, uma sucessão de choques elétricos foi infligida ao corpo do aprisionado, deixando, além da dor física, marcas psicológicas permanentes. Polari relata:

O primeiro choque é inesquecível. Você nunca mais quer levar aquilo na vida. Passa a ser o seu maior desejo. Renovado a cada choque que se repete um atrás do outro. Quando você não está berrando, sentindo a voltagem sacudir o corpo e a amperagem queimar a carne, você fica na expectativa e no terror da próxima descarga. Esse é o único pensamento. Espantei-me com o som do meu próprio grito e com as convulsões do próprio corpo. De repente eu estava encolhido feito um feto no canto da sala. Só via botas. Meu olhar acompanhava os fios e parava no meio de uma descarga antes de chegar aos rostos dos meus torturadores (POLARI, 1982a, p. 78).



As torturas ficariam ainda piores, pois um novo elemento seria incluído na sessão: o pau de arara. A versão de Polari revela:

[...] Penduravam a gente que nem um galetto. Passavam a barra de ferro entre as mãos amarradas à frente do joelho e as pernas flexionadas. Apoiavam as extremidades da barra nas duas escrivatinhas. Passei a ver todos os rostos invertidos. Ligaram os fios. A sensação era ainda pior porque o corpo não tinha apoio para absorver a descarga elétrica. Fazia piruetas horríveis. Ansiava por se encostar e se encolher em alguma superfície que não existia. As articulações do joelho e do pulso ficavam extremamente doloridas, já que sustentavam todo o peso do corpo. A cada solavanco dos choques o nó se apertava mais. Quando começava a ficar roxo, por causa da circulação estrangulada, desciam o ferro. Me arriavam com extrema bondade (POLARI, 1982a, p. 79).

O poeta descreve dois métodos para resistir à tortura: o turco e o francês. O turco consiste em ficar o máximo em silêncio resistindo à dor e negando tudo o quanto for possível. Esse método permite que o interrogado “se enrole menos” por ser mais simples. “Contudo, enraivece mais os torturadores. E se tem chances de ser morto ainda no período crítico do interrogatório” (POLARI, 1982a, p. 127). Já o método francês se baseia em contar muitas histórias, dar voltas, simular colaborações, indicar pontos frios, o que “propicia muitas pausas, saídas em falso, tempo para se recuperar” (POLARI, 1982a, p. 127). Apesar de também enfurecer os torturadores quando uma mentira é constatada, eles precisam se guiar pela premissa de que toda informação pode ser verdadeira. “Optei pelo método francês” (POLARI, 1982a, p. 127).

No “paraíso”, Polari foi submetido à tortura por afogamento. Para tanto, o içaram de ponta a cabeça no pau de arara. A versão do torturado para essa terrível ocorrência relata:



A sensação de dor começava a ficar insuportável nos pulsos e na articulação dos joelhos depois de uns dois minutos no máximo. Antes disso me enfiaram uma esponja na boca e dois tubos pelas narinas. Com uma espécie de regador iam jogando a água por um funil. Se a gente grita, engole água muito cedo. A melhor maneira é agüentar. Quando o sufocamento chega ao limite, exagerar as convulsões que, de resto, são bem reais. Com a prática, eles sabem quando você está fingindo, adiantando-se ao seu limite. Eles sabem o ponto exato onde o insuportável faz fronteira com o início do definhamento, da obstrução total, da morte. Com a prática, a gente consegue escamotear um pouco esses limites. Às vezes nós erramos e eles riem. Às vezes eles erram e numa dessas pode-se ir para as cucuias (POLARI, 1982a, p. 132-133).

A dolorosa e traumática experiência desses primeiros dias de tortura foi elaborada por Alex Polari no poema "Os primeiros tempos de tortura", publicado na obra Inventário de cicatrizes:

OS PRIMEIROS TEMPOS DE TORTURA

Não era mole aqueles dias
de percorrer de capuz
a distância da cela
à câmara de tortura
e nela ser capaz de dar urros
tão feios como nunca ouvi.

Havia dias que as piruetas no pau-de-arara
pareciam ridículas e humilhantes
e nós [sic], ainda éramos capazes de corar
ante as piadas sádicas dos carrascos.

Havia dias em que todas as perspectivas
eram pré lá de negras
e todas as expectativas
se resumiam à esperança algo cética
de não tomar porradas nem choques elétricos

Havia outros momentos
em que as horas se consumiam
à espera do ferrolho da porta que conduzia
às mãos dos especialistas
em nossa agonia.

Houve ainda períodos
em que a única preocupação possível
era ter papel higiênico
comer alguma coisa com algum talher
saber o nome do carcereiro de dia
ficar na expectativa da primeira visita
o que valia como um aval da vida
um carimbo de sobrevivente
e um status de prisioneiro político. [sic]

Depois a situação foi melhorando
e foi possível até sofrer
ter angústia, ler
amar, ter ciúmes
e todas essas outras bobagens amenas
que aí fora reputamos
como experiências cruciais.
(POLARI, 1979, p.33)

Estruturalmente o poema é constituído por 36 versos livres e quase todos brancos, divididos em 5 estrofes que não possuem forma fixa, contendo 6, 4, 5, 14 e 7 versos, respectivamente. A linguagem é basicamente direta, coloquial e descritiva. Podemos perceber a palavra "nús" (v. 9) grafada com acento agudo e a palavra "poltico" (v. 29), que nos leva a crer se tratar da palavra político. A primeira estrofe:

Não era mole aqueles dias
de percorrer de capuz
a distância da cela
à câmara de tortura
e nela ser capaz de dar urros
tão feios como nunca ouvi.

É possível perceber a angústia do poeta - que é também a voz que ecoa nos versos - em percorrer alguns metros de sua cela até a sala onde ocorriam as torturas. O sofrimento, na verdade, já começava quando se colocava o capuz, já que este, de certa forma, representava e antecipava o que viria a acontecer. Lá, não se ouviam gritos, mas urros de dor. Algo de animalesco e que de nada lembrava o tratamento que deveria ser dado à gente humana. Temos na segunda estrofe os versos:

Havia dias que as piruetas no pau-de-arara
pareciam ridículas e humilhantes
e nós, ainda éramos capazes de corar
ante as piadas sádicas dos carrascos.

O pau de arara, clássico instrumento utilizado desde os tempos da escravidão, estava presente em quase todas as sessões de tortura, deixava as vítimas penduradas e expostas, quase sempre nuas, muitas vezes rodopiando de dor ao som dos risos e chacotas dos algozes.

Porém, toda dor impingida não era suficiente para esconder a vergonha de estar vivenciando aquelas humilhantes cenas.

A terceira estrofe revela:

Havia dias em que todas as perspectivas
eram prá lá de negras
e todas as expectativas
se resumiam à esperança algo cética
de não tomar porradas nem choques elétricos

A perspectiva negativa dos dias vindouros com a esperança desacreditada de não ser eletrocutado era o que marcava o cotidiano do encarcerado, que ficava à espera aterradora de ouvir o barulho do ferrolho da jaula, momento em que voltaria às mãos de seus carrascos.

Já na quarta estrofe o poeta revela:

Houve ainda períodos
em que a única preocupação possível
era ter papel higiênico
comer alguma coisa com algum talher
saber o nome do carcereiro de dia
ficar na expectativa da primeira visita
o que valia como um aval da vida
um carimbo de sobrevivente
e um status de prisioneiro político. [sic]

O descaso e o desrespeito aos direitos humanos ficam evidentes nesses versos, quando constatamos que itens básicos que garantiriam a dignidade humana como papel higiênico, talheres ou mesmo ter o privilégio de saber o nome do carcereiro são negados ao encarcerado. Assim como a constante dúvida de saber se algum familiar tinha ciência de sua prisão, o que garantiria uma sobrevida no cárcere, uma esperança de que não seria executado ou mesmo ser reconhecido como preso político, e não como um criminoso comum, um terrorista.

Podemos traçar um paralelo entre a canção "Deus lhe pague", de Chico Buarque, e o poema "Os primeiros tempos de tortura", de Alex Polari. Na letra da canção, o eu lírico agradece ao interlocutor pelas bondades concedidas. A primeira estrofe da canção diz:

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague



O eu poético agradece ironicamente por aquilo que lhe é permitido, concedido, mesmo que essas permissões sejam sobre aquilo que pertenceria naturalmente a ele. Em vez de utilizar o termo "obrigado" para demonstrar gratidão, o eu lírico se vale da expressão "Deus lhe pague", que é uma expressão popular utilizada, geralmente, pelas classes populares que, como não têm o que oferecer em troca, pedem a Deus que reembolse o auxílio prestado. Considerando contexto da composição da canção - que foi o período da ditadura militar - e a trajetória do artista de resistência ao regime, é possível perceber a evidente crítica à repressão que não garantia os direitos constitucionais dos cidadãos, suprimindo-os. Essa mesma situação pode ser percebida nos seguintes versos de Alex Polari:

Depois a situação foi melhorando
e foi possível até sofrer
ter angústia, ler
amar, ter ciúmes
e todas essas outras bobagens amenas
que aí fora reputamos
como experiências cruciais.

Percebemos que, depois de muito sofrimento, algumas concessões foram feitas, como se momentos triviais como ler ou ter sentimentos estivessem passíveis da autorização alheia, tirando todo o caráter de poder sobre o próprio corpo e alma. Ainda assim, para o encarcerado representava muito, considerando a situação em que se encontrava. Seria como se aquelas pequenas conquistas representassem um avanço ou mais: a esperança de que permaneceria vivo. Ou seja, diante de tanto sofrimento, os pequenos alívios eram comemorados como grandes triunfos. Notamos, nessa estrofe, portanto, ironia semelhante à aplicada em "Deus lhe pague", aproximando a canção de Chico Buarque do poema de Alex Polari.



Protestos contra o autoritarismo e a violência estatal
Fonte: memorialdademocracia.com.br

Em linhas gerais, podemos considerar que o poema “Os primeiros tempos de tortura”, pela própria composição do título, indica que o texto foi escrito em um momento posterior aos acontecimentos. Isso fica evidente, também, pela construção verbal no tempo passado: “Não era mole aqueles dias”; e do uso do verbo haver indicando tempo transcorrido: “havia dias”, “Havia outros momentos”, “Houve ainda períodos”.

Além disso, a questão da expectativa permeia todo o poema. Primeiramente com perspectivas “pra lá de negras”¹, ou seja, perspectivas sombrias, em que as expectativas eram apenas de não sofrer tortura. Mais adiante, essa espera passa a ser a de “receber a primeira visita”, o que garantiria uma sobrevivência na prisão, ser reconhecido como preso político, isto é, uma perspectiva positiva.

.....
1 Há de se considerar aqui o período e o contexto em que o sentido pejorativo foi atribuído à palavra “negras”, já que, na época, a consciência de não se atribuir sentidos negativos à cor negra, por serem consideradas de cunho racista, era menor.

Ao longo do poema, percebemos que a situação do eu lírico foi sendo amenizada. O trágico foi dando lugar ao suportável, fazendo com que fosse possível, inclusive, praticar alguns sentimentos e experiências do mundo em liberdade.

Após ser exposto a todo tipo de sofrimento físico e mental no CISA, já exausto e com certa confusão mental resultante das longas sessões de tortura, Polari acaba revelando um ponto de encontro com Stuart Edgard Angel Jones. Sobre esse episódio, o poeta expõe: "Num momento em que a confusão mental se confundira com o pavor de ser punido ou morto pelos meus algozes, deixei escapar o local real do ponto, conseguindo deslocar numa última fração de segundo o horário para duas horas antes" (POLARI, 1982a, p. 136-137).



Stuart Edgard Angel Jones
Fonte: pt.wikipedia.org

Os interrogatórios prosseguiram e, então, puseram-no uns óculos com as lentes forradas de preto e um elástico que os prendiam por trás da nuca. Os delírios resultantes das dores e do medo fizeram com que o torturado acreditasse que a colocação do acessório era parte de um processo que desencadearia em sua morte. Em suas alucinações, imaginava que daqueles óculos saíam dois estiletos que lhe perfurariam os olhos e logo após seria morto. Isso fez com que houvesse uma reação enérgica por parte do interrogado, que gritava e se debatia com as últimas reservas de força que ainda lhe restava: “Fiquei possesso, batia para todos os lados, quebrei um frasco parecido com soro que alguém segurava” (POLARI, 1982a, p. 143-144). O detido foi então amarrado e uma nova rodada de choques elétricos se iniciou. O poeta relata que na sequência sentiu duas agulhas injetando alguma substância na veia do pé e outra do braço. E que aos poucos foi ficando sonolento, relaxado (POLARI, 1982a, p. 153).



Tiopental sódico, uma droga usualmente conhecida como "soro da verdade"
Imagem: pt.wikipedia.org

Polari descreve que, ao acordar do efeito da substância, teve ódio de ter se envolvido com todas as questões revolucionárias. Preferia não estar vivenciando aquela situação: "Se oferecessem a mim naquele momento desistir de tudo pelo preço de minha vida eu aceitaria. Mas eles exigiam muito mais do que isso" (POLARI, 1982a, p.159). Aquela condição em que se encontrava fez com que o guerrilheiro fizesse reflexões sobre a importância de sua existência, sua condição de testemunha da história e sobre sua possível morte. Nas palavras do poeta:

A morte não é nada mais que uma gigantesca sensação de perda. Ou melhor, a perda da consciência dos outros. Como aceitar, depois de conquistar penosamente uma identidade, uma interioridade, que as coisas e as pessoas permaneçam em movimento, em expansão, em criação sem meu testemunho? [...] Como os meus irmãos, companheiros de luta, minha raça, minhas amadas, meus eleitos, minha espécie, como toda a condição humana desse planeta deixaria de ter em mim um igual? [...] Eu não testemunharia mais nada. E quem testemunharia a intensidade, a humanidade do meu último momento, calaria. Eu sentira todas as coisas, enfrentara todas as escalas de dor física; optara mal ou bem por todas as gradações de ética; descobrira que esta não era mais a livre escolha de opções possíveis, mas um cruel masoquismo em nome da essência, da transparência, da História. A ética com que tive que me deparar, a moral com que a minha geração se deparou nas câmaras de tortura foi a mesma dos exterminados nos campos de concentração, dos condenados à morte. Que escolha tivemos? Existiam duas dignidades. Uma que os que não foram tocados, tiveram. E isso lhes deve ser computado: resistiram a pressões, ameaças. A outra dos que tiveram o corpo retorcido. Ou que não tiveram essa tal dignidade. Mas não tiveram, porque o corpo foi triturado. [...]

[...] Morrer era deixar de ser um testemunho, uma luz (POLARI, 1982a, p. 159- 161).



Aos poucos o preso foi percebendo a situação na sala de tortura. Haviam injetado uma substância em seu corpo para obter informações que não conseguiriam com ele em estado lúcido. Segundo Polari:

Foi ali, estando em meio a pernas imensas e adivinhando pela venda preta a luz fria que pendia do teto, que eu curti meu primeiro barato com uma overdose de pentatol (sic) sádico, também conhecido como soro da verdade (POLARI, 1982a, p. 163).

O interrogatório prosseguia e os interrogadores estavam dóceis e atenciosos. Fizeram questionamentos de toda sorte. Perguntas sobre o passado, sobre a militância, sobre a participação política de familiares, sobre a veracidade das informações passadas anteriormente. As respostas eram sempre evasivas.

O interrogado queria falar com detalhes sobre sua infância e juventude, informações pessoais que nada interessavam aos questionadores, que foram perdendo um pouco a paciência e, na tentativa de conseguir alguma informação relevante, simularam que o líquido injetado era, na verdade, um veneno. O antídoto só seria aplicado caso fosse revelado algo expressivo. Como não conseguiram, disseram que não aplicariam o antídoto e começaram a insinuar que o prisioneiro estava morrendo. Nesse momento, Alex Polari relata que acreditou nessa possibilidade e passou a ter "um medo até sereno". Como poderia ser o seu fim, achou

Importante dizer alguma coisa histórica; afinal, podia haver no recinto gravadores ligados, eles registrariam um dia minhas últimas e heróicas palavras. Não tinha heroísmo nenhum, não. Na verdade eu nem acreditava naquilo que ia dizer e que deveria ser algo bem estereotipado e grandiloquente. Era uma questão protocolar. Era próprio que eu dissesse algo.



Todos deviam se comportar assim no momento final. [...] - Olha, se algum dia vocês estiverem com a Mônica... que eu espero que nunca aconteça... digam que eu pensei nela... aqui, nesse momento e... e Viva a Revolução! Acho que eles sorriram. Sairu muito lírico demais para o que o momento exigia. Paciência, eu sempre misturei essas coisas e nunca me achei um bom ator (POLARI, 1982a, p. 172-173).

Esses episódios do soro da verdade estão presentes no poema intitulado "Canção do pentotal":

CANÇÃO DO PENTOTAL

Era uma madrugada fria
mais negra ainda pelo capuz
tinha um torturador que ria excitado,
outro era capaz de ficar sério
e um que me gostava de chamar de
guerrilheiro filhodaputa [sic].

Tinha um crioulo
que comia um sanduíche de mortadela
enquanto eu pensava na morte dele
na mortandade dos peixes da Lagoa
e dos companheiros afundados
no mais fundo da Restinga.

Quando me injetaram o soro da verdade
menti descaradamente
fui ficando meio grogue
me lembrei do primeiro amor que fizemos
depois de uma reunião do grupo de estudos
me lembrei de uma maldita valsa de Strauss
do temor pela precariedade do teu esconderijo
do medo de morrer, que era maior
do medo de ficar brocha
que era menor e obviamente
estava subordinado ao primeiro.

Cada vez mais bêbado
falei do filho que não tive contigo
e quando pensei chegado o instante final
gritei pros torturadores algumas frases heróicas
dessas que a gente se esforça em falar
apesar do cagaço.

(POLARI, 1979, p.37)

A "Canção do Pentotal" é um poema que representa os eventos ocorridos em decorrência da aplicação do soro da verdade em Alex Polari. Na primeira estrofe, Polari descreve o ambiente da sevícia: a escuridão da madrugada fria se intensificava com o capuz que lhe era imposto. Junto dele, dois torturadores, um risonho e outro sério, seguidos de mais um que proferia palavras ofensivas com a intenção de intimidar e humilhar a vítima. Já na primeira estrofe é possível perceber o espectro sombrio que impera na cena.

As descrições continuam na segunda estrofe, em que mais um algoz aparece:

Tinha um crioulo
que comia um sanduíche de mortadela
enquanto eu pensava na morte dele
na mortandade dos peixes da Lagoa
e dos companheiros afundados
no mais fundo da Restinga.

TORTURA
NUNCA MAIS!



Podemos perceber o ar de indiferença com o prisioneiro, ou seja, enquanto no ambiente existe uma pessoa encapuzada e na iminência de ser torturada, existe também um agente do Estado que se alimenta na mais pura normalidade, demonstrando o desprezo com o outro como se aquilo fizesse parte de uma rotina diária, além de ser, obviamente uma forma de desumanizar o encarcerado.

Vale destacar a aliteração e a paronomásia existentes em “mortadela”, “morte dele” e “mortandade”, além do pleonasma literário em “‘afundados’ / no mais ‘fundo’” da Restinga. A Restinga da Marambaia é um local no Rio de Janeiro onde está localizada uma base da Marinha e que, como é de conhecimento de muitos, era utilizada para a desova de corpos de adversários da ditadura que eram jogados ao mar. O verso “enquanto eu pensava na morte dele” exprime um desejo reativo de que o agente repressor pagasse seus feitos com a própria vida, mas também revela uma posição de impotência, já que nada poderia ser feito naquele momento, dadas as circunstâncias, além de desejar sua morte. Interessante observar que a palavra “Lagoa” (grafada com letra L maiúscula) no verso “na mortandade dos peixes da Lagoa” pode nos sugerir se tratar da Lagoa Rodrigo de Freitas, um dos cartões postais do Rio de Janeiro, cidade onde se deram os acontecimentos com o poeta.

Os versos da terceira e da quarta estrofes dizem:

Quando me injetaram o soro da verdade
menti descaradamente
fui ficando meio grogue
me lembrei do primeiro amor que fizemos
depois de uma reunião do grupo de estudos
me lembrei de uma maldita valsa de Strauss
do temor pela precariedade do teu esconderijo
do medo de morrer, que era maior
do medo de ficar brocha
que era menor e obviamente
estava subordinado ao primeiro.

Cada vez mais bêbado
falei do filho que não tive contigo
e quando pensei chegado o instante final
gritei pros torturadores algumas frases heróicas
dessas que a gente se esforça em falar
apesar do cagaço.

O poeta inicia a terceira estrofe utilizando a antítese como recurso linguístico/literário nos versos “Quando me injetaram o soro da verdade / menti descaradamente”. Verdade e mentira em confronto, garantindo o efeito contraditório e poético dos versos.

Os versos revelam os efeitos da substância no organismo do eu lírico (“fui ficando meio grogue / Cada vez mais bêbado”), que parece delirar e rememorar com saudade o passado lembrando dos amores, dos desejos, das inseguranças, mas, sobretudo, dos medos.

São versos que contêm certo lirismo apesar de algumas expressões mais duras e cruas como “maldita valsa de Strauss”, “medo de ficar brocha” e “cagaço”. O poema “Canção do pentotal” parece representar bem o testemunho poético de Polari, pois consegue mesclar fatos com poesia e sentimento com realidade.



Os 14 presos políticos em greve de fome pela Lei da Anistia - Rio de Janeiro - 1979
Fonte: socialistamorena.com.br

Alex Polari permaneceu preso de maio de 1971 a novembro de 1979, passando por vários presídios durante esse período. Seus primeiros poemas da época do cárcere datam de 1972 e alguns deles foram publicados em Inventário de cicatrizes, seu primeiro livro que foi lançado em 1978, portanto, enquanto o poeta ainda estava preso. Além de Inventário de cicatrizes, Polari também publicou Camarin de prisioneiro, em 1980, obra que reúne poemas, reflexões, cartas, trechos de diários, ilustrações e fotos. Publicou, ainda, em 1982, Em busca do tesouro, uma autobiografia que narra os acontecimentos de sua vida desde sua infância e adolescência até sua trajetória na militância política, na clandestinidade, na luta armada e na prisão. Essas três obras foram fundamentais para a realização deste trabalho, pois nos deram subsídios para entender um pouco mais da versão não oficial do que foi a ditadura militar, sob a ótica dos que sofreram a barbárie da violência do Estado.



Alex Polari no dia de sua soltura em 1979
Fonte: revistatrip.uol.com.br

Capa da obra Inventário de cicatrizes
Fonte: digitalização a partir da obra original

Ainda nos anos de 1980, Alex Polari converteu-se na doutrina do Santo Daime, indo para o estado do Acre e se tornando um dos líderes de uma comunidade daimista chamada Vila Céu do Mapiá, onde vive até hoje. Polari lançou alguns livros sobre o Santo Daime como O guia da floresta, O livro das mirações entre outros. Atualmente se dedica a questões ligadas a essa doutrina.



Alex Polari em uma celebração daimista

Fonte: revistatrip.uol.com.br

**Para saber mais sobre a vida e a obra de
Alex Polari leia:**

POLARI, Alex. **Camarim de prisioneiro.**
São Paulo: Global, 1980.



POLARI, Alex. **Em busca do tesouro.**
Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA



Fonte: Wikimedia Commons

OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA

Antonio Candido afirma que a literatura é um direito fundamental de todos os cidadãos e equivale a outros bens incompressíveis como alimentos, roupas e habitação. Para o autor, bens incompressíveis são aqueles que, para além de garantir a subsistência, também garantem a integridade espiritual. Desse modo, a literatura seria tão essencial quanto os recursos primordiais para a manutenção da vida. Esse direito essencial à literatura preconizado por Candido se deve muito ao seu poder transformador e humanizador e, por isso, necessário a todos. O autor entende a humanização como

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

A literatura pode até mesmo promover transformações profundas no indivíduo atuando de modo inconsciente. As obras com as quais temos contato podem provocar mudanças que não podemos nem mesmo avaliar.

A literatura, portanto, pode atuar “tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente”, o que nos leva a questionar se a literatura teria uma “função formativa de tipo educacional” (CANDIDO, 2002, p. 84).

Sobre a função educativa da literatura, Candido (2002) revela que

A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras (CANDIDO, 2002, p. 84).

Partindo do princípio de que a literatura tem o poder de transformação e é direito de todo cidadão, sugerimos uma sequência de dez oficinas que relacionam ditadura militar e a leitura dos poemas de Alex Polari.

As oficinas de leitura, portanto, têm como base 12 poemas testemunhais do poeta Alex Polari presentes na obra Inventário de cicatrizes. São eles:

- Dia da partida
- Trilogia macabra (I - o torturador)
- Trilogia macabra (II - O analista de informações)
- Trilogia macabra (III - A parafernália da tortura)
- Os primeiros tempos de tortura
- Canção para "Paulo" (à Stuart Angel)
- Canção do pentotal
- As prisões - I
- Zoológico humano
- Moral e Cívica - II
- Cemitério de desaparecidos
- Inventário de cicatrizes

Nas oficinas propostas, as leituras são intercaladas com aulas explicativas sobre o contexto histórico da ditadura militar e a biografia de Alex Polari. Há também uma oficina em que a canção "Cálice", de Chico Buarque e Gilberto Gil, é reproduzida e analisada.

Além disso, outra oficina é dedicada à exibição do filme Zuzu Angel, do diretor Sérgio Rezende, seguida de discussão sobre o longa-metragem.

Em outra oficina, os participantes respondem a um questionário sobre as leituras feitas e, em um novo encontro, produzem cartazes ilustrando os aprendizados adquiridos ao longo da sequência de atividades. A última oficina é dedicada à culminância do projeto, realizada em formato de café literário em que os alunos-leitores apresentam suas produções com livre espaço para se expressarem sobre as leituras realizadas, sobre os aprendizados adquiridos e sobre o que mais quiserem. Por fim, os cartazes preparados durante a sequência de atividades podem ser organizados para serem expostos pelo espaço escolar para que um pouco do conhecimento produzido durante as oficinas possa ser compartilhado com os demais frequentadores da instituição.

Professor(a), por tratar de temas delicados como a tortura e a repressão, é imprescindível que se verifique a adequação das oficinas à realidade, à sensibilidade e à maturidade dos estudantes, de suas famílias e da comunidade escolar. Para isso, é importante conhecer bem os participantes com os quais as atividades de leitura literária serão desenvolvidas e que a coordenação pedagógica da unidade escolar esteja ciente do desenvolvimento dessas atividades. Cabe mencionar que as oficinas podem ser adaptadas de acordo com o desejo e a necessidade do contexto de aplicação.

OFICINA 1

Leitura inicial dos poemas selecionados

OBJETIVO:

apresentar os poemas testemunhais aos estudantes e verificar suas primeiras percepções a respeito dos textos, verificando seus conhecimentos prévios sobre os temas tratados no texto de Alex Polari.

DURAÇÃO:

uma aula de 50 minutos

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

folhas com os poemas impressos para leitura individual.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1º momento: organizar os estudantes em círculo, distribuir as folhas com os poemas impressos e solicitar que eles realizem a leitura individual e silenciosamente.

2º momento: discutir com os alunos sobre as impressões que os poemas de Alex Polari suscitaram durante a leitura.

A primeira oficina de leitura literária tem por objetivo ser o primeiro contato dos estudantes com os poemas testemunhais de Alex Polari. A ideia é que os alunos leiam os poemas sem terem nenhuma informação prévia sobre o conteúdo ou sobre o contexto em que foram produzidos para que seja possível identificar as primeiras impressões provocadas pela leitura. Uma forma produtiva de organizar esta oficina é dividi-la em dois momentos.

1º momento: organizar os estudantes em círculo e distribuir os poemas impressos selecionados da obra Inventário de cicatrizes para a leitura individual e silenciosa. Disponibilizar cerca de 20 minutos para esta etapa.

2º momento: o segundo momento é dedicado a fazer uma discussão com os alunos a respeito das leituras realizadas para que eles possam expressar as sensações, os sentimentos e os impactos causados pelos poemas lidos. Para isso, é importante que algumas questões sejam levantadas. Algumas sugestões de perguntas que podem ser lançadas ao grupo são:

1. O que vocês acharam dos textos que acabaram de ler?
2. Sobre o que falam esses textos?
3. Qual é o gênero textual a que pertencem esses textos?
4. Com base em que elementos vocês chegaram a essa conclusão?
5. Vocês tiveram alguma dificuldade para entender os poemas?

Outras perguntas que o professor julgar pertinentes podem ser acrescentadas às questões sugeridas.

Na sequência, é importante explicar para a turma os objetivos da sequência de leitura de textos literários do poeta Alex Polari de Alverga, ex-guerrilheiro que participou dos movimentos de resistência contra a ditadura militar e que foi preso e barbaramente torturado.

É essencial também informar que os poemas lidos (e outros que ainda serão lidos no decorrer da sequência de atividades) foram escritos durante o período de cárcere do poeta e integram a obra Inventário de cicatrizes, publicada em 1978, enquanto o escritor ainda se encontrava preso.

Essa primeira oficina é fundamental para observar as primeiras percepções dos estudantes com relação aos textos e para passar as primeiras orientações a respeito da sequência de atividades de leituras dos poemas de Alex Polari.

Professor(a), a seleção 1 dos poemas sugeridos para serem lidos nesta oficina são:

- Dia da partida
- Trilogia macabra (I - o torturador)
- Trilogia macabra (II - O analista de informações)
- Trilogia macabra (III - A parafernália da tortura)
- Os primeiros tempos de tortura
- Canção para "Paulo" (à Stuart Angel)

Esses poemas estão disponíveis no Apêndice A ou em https://drive.google.com/file/d/1VynDx1mYA6rosr3VcLzRElSIZBnQ9daB/view?usp=share_link.

Ao final da Oficina 1, recolha os poemas distribuídos, pois eles serão utilizados em uma oficina posterior.

OFICINA 2

Ditadura militar: contexto histórico

OBJETIVO:

fazer a contextualização histórica, política e social do período da ditadura militar.

DURAÇÃO:

três aulas de 50 minutos

**MATERIAIS
NECESSÁRIOS:**

computador e projetor de imagens

**PROCEDIMENTOS
METODOLÓGICOS:**

esta oficina consiste em esclarecer de forma expositiva e dialogada o contexto da ditadura militar no Brasil com o uso de imagens, gráficos e fotos de modo que a exposição seja bem ilustrativa.



O propósito desta oficina é o de fazer uma síntese cronológica dos acontecimentos que marcaram o período ditatorial até o seu fim, mostrando como e por que ocorreram o golpe militar de 1964, os atos institucionais, o AI-5, a censura, a repressão, a guerrilha urbana, os sequestros dos embaixadores pelos combatentes de oposição, as prisões ilegais, as torturas - e os métodos de tortura -, os desaparecimentos e as mortes provocadas pelos agentes do Estado, a lei da anistia, o movimento das diretas já, a eleição indireta e a morte de Tancredo Neves, o governo Sarney, a promulgação da constituição de 1988 e as eleições diretas de 1989.



Fonte: cartacapital.com.br

Para tanto, é importante que o professor traga informações que mostrem como foi o golpe de 64 e, sobretudo, como agia o aparelho repressor estatal. É imprescindível que as informações sejam apresentadas de forma cronológica e ilustrativa. Para tanto, o uso do projetor de imagens é fundamental, já que com ele é possível mostrar imagens do período da ditadura, o que leva a oficina a ser mais dinâmica e de fácil compreensão.

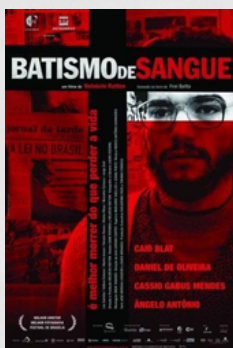


Professor(a), use os seus conhecimentos prévios sobre a ditadura militar e as imagens que preferir retirar da internet ou de outras fontes para ilustrar a sua aula.

No entanto, você poderá utilizar o material disponibilizado no link abaixo, se assim desejar.

Slides ditadura: https://drive.google.com/file/d/1Yghz-doyNX8rvpXVr7IusKUWoRqQ_5Mf/view?usp=sharing

Dica: um bom filme para ilustrar o clima de tortura e terror no período da ditadura militar é Batismo de Sangue, dirigido por Helvécio Ratton e baseado no livro homônimo de Frei Betto. No entanto, é importante alertar que, apesar de a classificação indicativa ser de 14 anos, a película apresenta cenas fortes de tortura, nudez e linguagem agressiva (inclusive com uso de palavrões). Sugerimos ao professor(a) que assista ao filme antecipadamente para verificar a viabilidade da exibição de cenas para os estudantes participantes das oficinas.



Capa do filme Batismo de Sangue
Fonte: adorocinema.com

OFICINA 3

Audição e análise da canção "Cálice"

OBJETIVO:

ouvir e analisar a letra da canção "Cálice", de Chico Buarque e Gilberto Gil, identificando os pontos em que a canção reflete o momento de opressão e censura que o país passava durante a ditadura militar.

DURAÇÃO:

uma aula de 50 minutos

MATERIAIS NECESSÁRIOS

computador, aparelho de áudio, projetor de imagens ou letra da canção impressa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

ouvir a canção coletivamente acompanhada da letra. A letra da música pode ser impressa e entregue individualmente para cada estudante ou, na falta de recursos ou se o professor preferir, projetada via projetor de imagens. Após a audição da canção, abrir uma discussão e análise da letra.

A oficina 3 traz uma das mais emblemáticas músicas de resistência contra a ditadura militar. "Cálice", de Chico Buarque e Gilberto Gil, é uma canção de protesto contra a repressão em um dos períodos mais cruéis da ditadura: os "anos de chumbo". Por isso, é preciso que os estudantes entendam que, mesmo com toda coibição por parte dos órgãos opressores, havia oposição por meio das artes, principalmente na música. Dessa forma, é importante que os alunos ouçam e analisem a letra da canção para entender o contexto em que ela foi produzida e possam refletir sobre o momento de violência, perseguição e tirania pelo qual o país passava.

A canção deve ser executada com o auxílio de algum recurso sonoro que permita ouvi-la em claro e bom som. É preciso, também, que haja algum suporte em que os participantes da oficina possam acompanhar a letra da música enquanto a ouvem. Sugerimos que sejam feitas cópias impressas do texto cantado ou que este seja visualizado via projetor de imagens.

Após a audição de "Cálice" deve ser feita uma análise acerca da letra da canção de modo que uma discussão possa ser aberta para pontuar e relacionar o que diz a canção com o período em questão.



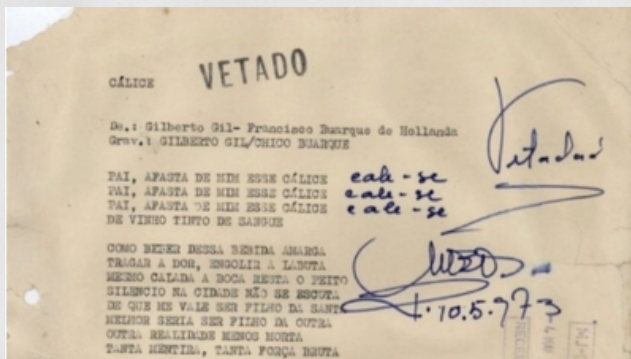
Gil e Chico em apresentação censurada
Fonte: noticias.uol.com.br

Para tanto, algumas perguntas podem ser lançadas como:

1. O que vocês entenderam da canção?
2. Qual é a relação da canção “Cálice” com a ditadura militar?
3. Que elementos estão presentes na letra da canção e que remetem a episódios ocorridos na ditadura?

Terminada a discussão em torno dos questionamentos lançados, é importante fazer um exame mais aprofundado da canção mostrando as referências sobre a ditadura militar que estão presentes na música.

Professor(a), para a discussão com os estudantes, propomos que se busquem textos e vídeos que contribuam com a análise da letra de “Cálice”. Como sugestão indicamos o vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8CnSiaP-jL4&t=10s> e a análise da letra da canção em https://drive.google.com/file/d/lgfVpKxMtfuoADbk2fTr_RkBmWQqQu9e-/view?usp=share_link



Letra da canção “Cálice” vetada pela censura
Fonte: gov.br/memoriasreveladas

OFICINA 4

Trajectoria do poeta Alex Polari

OBJETIVOS: apresentar a biografia do poeta Alex Polari bem como sua trajetória durante a militância de resistência contra ditadura militar e sua produção poética do período do cárcere.

DURAÇÃO: duas aulas de 50 minutos

MATERIAIS computador e projetor de
NECESSÁRIOS: imagens

PROCEDIMENTOS
METODOLÓGICOS:

com o auxílio do projetor de imagens, apresentar de forma cronológica as informações sobre a vida e o caminho percorrido pelo poeta ao longo de seu envolvimento com os movimentos de resistência contra a ditadura militar.

A oficina 4 é dedicada a fazer uma apresentação da biografia do poeta Alex Polari, com foco em sua participação nos movimentos de resistência contra a ditadura militar, em sua prisão e nas torturas sofridas por ele no cárcere. É importante mencionar, também, as circunstâncias de sua produção poética publicada na obra Inventário de cicatrizes. A importância de se conhecer a biografia do autor e os episódios de violência e dor vivenciados por ele se dá, pois, por se tratar de poemas testemunhais, sua produção literária reflete e denuncia um período da história marcado pelo despotismo e pela crueldade. Por isso, para entender a obra de Polari com um pouco mais de profundidade, é necessário que se conheça a sua história.

É recomendável que esta oficina, por ser predominantemente expositiva, seja feita da forma mais ilustrativa possível, para que a aula fique mais interessante para os estudantes. Para isso, sugerimos a inserção de imagens sobre o poeta que podem ser encontradas na internet.

Professor(a), o material para auxiliar a apresentação desta oficina está disponível em
https://drive.google.com/file/d/lpPHOXCBO-fUTrfkh2E1EEheKTR8QCIs4/view?usp=share_link

No entanto, na impossibilidade de utilizar esse material, é perfeitamente possível realizar a oficina apenas com as informações constantes na seção sobre a vida e obra de Alex Polari.

OFICINA 5

Leitura e discussões dos poemas - seleção 1

OBJETIVO:

realizar leituras mediadas e contextualizadas dos poemas de Alex Polari presentes na obra Inventário de cicatrizes e promover discussões e reflexões acerca dos episódios vividos pelo poeta durante a ditadura militar.

DURAÇÃO:

três aulas de 50 minutos

MATERIAIS

NECESSÁRIOS:

folhas com os poemas impressos para leitura individual utilizados na oficina 1

**PROCEDIMENTOS
METODOLÓGICOS:**

1º momento: organizar os estudantes em círculo, distribuir as folhas com os poemas impressos e solicitar que os estudantes realizem a leitura individual e silenciosamente.

2º momento: realizar a leitura coletiva e sonora seguida de discussões e análises dos poemas.



Esta oficina se propõe a fazer, de fato, a leitura dos poemas testemunhais de Alex Polari seguida de um aprofundamento das discussões acerca dos acontecimentos que envolvem o regime militar associado às vivências do poeta nesse período. Para a realização desta oficina será preciso utilizar a seleção de poemas impressos para a oficina 1. Caso seja necessário, a seleção de poemas está disponível no Apêndice A ou em https://drive.google.com/file/d/1VynDxlmYA6rosr3VcLzRElSIZBnQ9daB/view?usp=share_link

A oficina 5 está dividida em dois momentos:

1º momento: organizar os estudantes em círculo, distribuir as folhas com os poemas impressos e solicitar que os estudantes realizem a leitura individualmente e silenciosamente. Pedir, também, para que eles façam anotações sobre termos ou passagens do poema que lhes causaram dúvidas ou ainda destacar trechos que queiram comentar. Disponibilizar cerca de 50 minutos para as leituras e as anotações.

2º momento: realizar a leitura de cada poema de forma coletiva e em voz alta pedindo que os estudantes, voluntariamente, leiam trechos dos poemas para, assim, incentivar a participação ativa deles na oficina. Para tornar a oficina mais produtiva e organizada, é importante que se faça a leitura de um poema seguida da discussão dele, ou seja, não é muito interessante realizar a leitura de todos os poemas de uma só vez para ao final iniciar as discussões.



Após a leitura, discutir cada um dos textos com os alunos destacando sua relação com o contexto da ditadura militar e com a biografia do poeta Alex Polari. Como os poemas lidos nesta oficina já foram lidos na oficina 1, é esperado que os estudantes sejam capazes de relacionar os textos com os temas tratados nas oficinas 2, 3 e 4 que versaram sobre os aspectos da ditadura militar e sobre a trajetória de Alex Polari, o que levará a uma ampliação e aprofundamento das discussões. Vale destacar que, com exceção de "Dia da partida", todos os outros poemas da seleção 1 fazem referência à tortura, o que torna a oficina bem propícia para debater esse tema.

Professor(a), é indispensável deixar claro para os estudantes que os poemas de Alex Polari não são meros relatos do que o poeta havia vivenciado pura e simplesmente, mas sim a expressão, por meio de um elaborado trabalho com a linguagem, das experiências e dos sentimentos desse poeta que também é a voz que ecoa nos poemas. Ou seja, a intenção é que os participantes entendam que estão ali tratando de literatura, por mais que essa literatura esteja intrinsecamente ligada à realidade; e que a poesia foi a forma que Alex Polari encontrou não só para registrar parte da realidade dos horrores da ditadura militar, mas também para se manter vivo, visto que a literatura tem esse poder de ser um esteio que nos ajuda a suportar a realidade que muitas vezes nos massacra. Além disso, vale lembrar que os acessos foram impedidos pelos órgãos de censura e controle dos militares, e que o testemunho garante à vítima não apenas o direito de falar, mas também o de definir o modo de testemunhar. Nossa intenção, portanto, é, além de manter viva a memória dos horrores da ditadura, a de levar experiências de leitura aos participantes que possam gerar reflexão, mas ao mesmo tempo possibilitar o contato com o texto literário.

OFICINA 6

Exibição do filme Zuzu Angel

OBJETIVO:

exibir um longa-metragem com o contexto da ditadura militar seguido de uma breve discussão no fim da sessão.

DURAÇÃO: três aulas de 50 minutos

MATERIAIS
NECESSÁRIOS: computador, projetor de imagens, aparelho de áudio, internet.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

exibir o filme Zuzu Angel e, ao final da exibição, abrir uma discussão a respeito das histórias de Zuzu Angel, Stuart Angel e Alex Polari que se entrecruzam.



A oficina 6 destina-se a realizar a exibição do longa-metragem Zuzu Angel, do cineasta Sérgio Rezende, filme que conta a história da estilista Zuleika de Souza Netto, mais conhecida como Zuzu Angel, que não mediu esforços para encontrar seu filho Stuart Edgard Angel Jones, desaparecido durante a ditadura militar. As histórias de Zuzu, Stuart e Alex se entrecruzam, pois Polari afirma ter testemunhado a tortura e morte de Stuart na prisão, o que o levou a escrever uma carta a Zuzu Angel revelando o acontecido. A coragem de Zuzu Angel de utilizar sua notoriedade para denunciar os atos de violência praticados pelos militares resultou em sua morte, em um primeiro momento tida como um acidente, mas hoje, como se sabe, comprovadamente cometida pelos agentes da ditadura. A película deve ser exibida, preferencialmente, em um ambiente propício para essa finalidade (sala de vídeo, por exemplo). Na impossibilidade deste, tentar garantir um local com um mínimo de conforto e com baixa incidência de luz. Esse local pode ser, até mesmo, a própria sala de aula dos estudantes. Após a exibição do vídeo, um debate deve ser aberto para ouvir as impressões dos participantes em relação ao filme.

Alguns pontos podem ser explorados como a coragem da estilista em busca de seu filho desaparecido, o fato de Alex Polari ser representado no filme (pelo ator Caio Junqueira) entre outros. O importante aqui é que os estudantes relatem suas impressões acerca da história exibida e estabeleçam relações com os conteúdos apresentados nas oficinas anteriores e com as leituras realizadas. Atualmente o filme pode ser encontrado na plataforma Prime Video para aluguel.



Professor(a), a partir do minuto 42', ocorre a leitura da carta que Alex Polari escreveu para Zuzu Angel relatando a morte de seu filho Stuart. Aqui são apresentadas algumas cenas de tortura e nudez. É importante que essas cenas sejam assistidas e analisadas previamente para verificar a viabilidade de exibi-las para os estudantes.



Pôster oficial do Filme Zuzu Angel
Fonte: pt.wikipedia.org



Fonte: nossacausa.com

Fonte: <http://memorialdarestenciassp.org.br/>

OFICINA 7.

Leitura e discussão dos poemas - seleção 2

OBJETIVO:

realizar a leitura mediada e contextualizada, seguida de análise, da segunda seleção de poemas da obra Inventário de cicatrizes.

DURAÇÃO:

três aulas de 50 minutos

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

folhas com os poemas da seleção 2 impressos para leitura individual

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

seguir as mesmas orientações da oficina 5.

Esta oficina tem como objetivo efetivar a leitura da segunda seleção de poemas da obra Inventário de cicatrizes, de Alex Polari. Os procedimentos seguem os mesmos que foram adotados na oficina 5.

1º momento: organizar os estudantes em círculo, distribuir as folhas com os poemas impressos e solicitar que os estudantes realizem a leitura individualmente e silenciosamente. Pedir, também, para que eles façam anotações sobre termos ou passagens do poema os quais lhes causaram dúvidas ou ainda destacar trechos que queiram comentar. Disponibilizar cerca de 50 minutos para as leituras e as anotações.

2º momento: realizar a leitura de cada poema de forma coletiva e em voz alta pedindo que os estudantes, voluntariamente, leiam trechos dos poemas para, assim, incentivar a participação ativa deles na oficina. Após a leitura, discutir cada um dos textos com os alunos destacando sua relação com o contexto da ditadura militar e com a biografia do poeta Alex Polari. Para que a oficina seja mais produtiva e organizada, é importante que se faça a leitura de um poema seguida da discussão dele, ou seja, não é muito interessante realizar a leitura de todos os poemas de uma só vez para ao final iniciar as discussões.

É esperado que os estudantes sejam capazes de relacionar os textos com os temas tratados até aqui, o que levará a uma ampliação e aprofundamento das discussões. Os poemas selecionados são:

- Canção do pentotal
- As prisões - I
- Zoológico humano
- Moral e Cívica - II
- Cemitério de desaparecidos
- Inventário de cicatrizes

Os poemas selecionados para a oficina 7 estão disponíveis no Apêndice B ou em

<https://drive.google.com/file/d/lnwbTVgoRhtMaSPITDq1T1mwqNT28Evz4/view?usp=sharing>

Professor(a), mais uma vez, esta oficina é uma oportunidade para se discutir as atrocidades cometidas pela ditadura militar. Estimule os estudantes a debaterem os temas presentes nos poemas selecionados e a exporem suas opiniões e reflexões para que, assim, possamos esclarecer para a coletividade o que foi esse período tenebroso de nossa história.



OFICINA 8

Aplicação de questionário sobre as leituras realizadas

OBJETIVO: Entender como as leituras realizadas tocaram os participantes apurando o que ficou de aprendizado e se houve mobilização para novas leituras.

DURAÇÃO: duas aulas de 50 minutos

MATERIAIS questionários individuais

NECESSÁRIOS: impressos

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: aplicar os questionários individualmente e orientar os estudantes a serem francos em suas respostas, já que não existem respostas certas ou erradas. Ao final da aplicação, recolher os questionários respondidos para análise.

A oficina 8 consiste na aplicação de um questionário de perguntas relacionadas às oficinas realizadas até aqui. Entendemos que esse instrumento é importante para examinar como as leituras e as discussões desenvolvidas nas oficinas foram assimilados pelos estudantes. Para isso, é muito significativo ficar claro para os participantes que eles devem responder ao questionário de forma sincera, pois não existem respostas certas ou erradas.

Os questionários devem ser impressos e aplicados individualmente. Para essa atividade deve-se disponibilizar duas aulas de 50 minutos (aulas seguidas, caso seja possível). Após todos responderem, recolher os questionários respondidos para análise.

O questionário pode ser encontrado no Apêndice C deste material.

Professor(a), as respostas do questionário podem ajudá-lo a fazer um balanço do desenvolvimento das oficinas literárias e a verificar se os objetivos propostos foram atingidos. Gostaríamos de salientar que o questionário em questão representa uma sugestão e pode ser adaptado às necessidades que surgirem, retirando perguntas que não forem pertinentes a sua realidade e adicionando outras que lhe pareçam mais adequadas ao seu contexto.



OFICINA 9

Produção de cartazes

OBJETIVO:

produzir cartazes que representem o aprendizado adquirido durante as oficinas de leitura literária de maneira criativa

DURAÇÃO:

quatro aulas de 50 minutos

MATERIAIS

NECESSÁRIOS:

folhas tamanho A3 150g/m2 (pode ser substituída por outro tipo de folha como cartolina, por exemplo), lápis, borracha, lápis de cor, canetas hidrocor, fita adesiva colorida, giz de cera, cola, tesoura, régua, marcadores permanentes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

dividir os estudantes em grupos de até três componentes e orientar que produzam um cartaz que contenha uma imagem produzida por eles que represente um dos poemas de Alex Polari lidos nas oficinas ou relacionados à repressão ocorrida durante a ditadura militar. A imagem deve vir acompanhada de algum elemento verbal como uma mensagem, um poema, uma reflexão, uma crítica ou um recado para as novas gerações.

Nesta oficina, temos como objetivo a produção de cartazes ilustrativos que representem de forma criativa os aprendizados adquiridos durante as oficinas de leitura literária. Com o intuito de incentivar e praticar o trabalho em equipe, os estudantes devem ser divididos em grupos de até três componentes. Um único cartaz deverá ser produzido por cada grupo.

Os cartazes devem conter uma ilustração produzida pelos próprios participantes que represente um dos poemas de Alex Polari lidos nas oficinas ou relacionados aos atos de repressão ocorridos durante a ditadura militar. As imagens devem ser, preferencialmente, criadas pelos próprios estudantes, mas podem ser inspiradas ou usar como modelo imagens retiradas da internet, por exemplo.

Os cartazes também devem conter algum elemento verbal que pode ser um pequeno texto explicativo, uma reflexão, uma frase de efeito, uma crítica ou um recado para as novas gerações que não conhecem os eventos ocorridos na ditadura. É importante que se planeje com antecedência essa oficina, já que ela necessita de uma quantidade razoável de materiais que, geralmente, são fornecidos pelas escolas quando solicitados com prazo de requisição.

A seguir serão apresentados dois exemplos de cartazes produzidos nas oficinas de leitura literária que resultaram neste material.

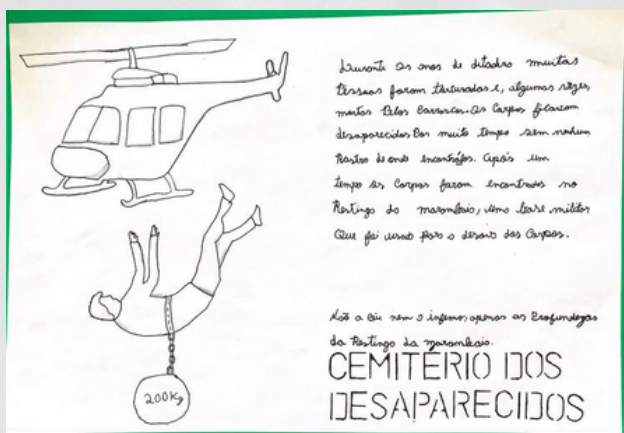




A ditadura cala, mas ainda
não tem coragem.

A ditadura foi um dos Piores períodos que o Brasil já passou, com torturas muito cruéis quanto psicológica e as censuras que proibiram as pessoas de terem sua própria liberdade de expressão, e consideram com os dias de hoje isso ainda acontece porque os policiais agitem as pessoas abusando da sua autoridade. Para a ditadura não voltar devemos lembrar o quanto a ditadura machucou pessoas inocentes, tirando elas da sua liberdade de vida e de expressão.

Cartaz produzido pelos participantes do projeto de leitura literária



Durante os anos de ditadura muitas pessoas foram torturadas e, algumas vezes, muitas delas morreram. As pessoas ficaram desaparecidas por muito tempo sem nenhum rasto de onde estavam. Após um tempo as pessoas foram encontradas no Pantão do marambaio, uma base militar que foi usado para o depósito das pessoas.

Não a nós nem o inferno, apenas as Escondidas

do Pantão da marambaio

**CEMITÉRIO DOS
DESAPARECIDOS**

Cartaz produzido pelos participantes do projeto de leitura literária

Professor(a), estimule os alunos a se engajarem nesta atividade. Procure dar o suporte necessário, reserve um espaço na escola com mesas amplas, dê dicas para o desenvolvimento das produções.

OFICINA 10

Café literário

OBJETIVO: promover a culminância das atividades de leitura literária

DURAÇÃO: três aulas de 50 minutos

**MATERIAIS
NECESSÁRIOS:**

espaço para a realização da culminância (de preferência um local que não seja a própria sala de aula dos estudantes), itens para compor um café compartilhado entre os estudantes e o(a) professor(a).

**PROCEDIMENTOS
METODOLÓGICOS:**

dividir a culminância das oficinas em dois momentos: o primeiro momento é dedicado à apresentação dos cartazes produzidos pelos grupos. O segundo momento deve trazer uma fala do professor encerrando as oficinas de leitura seguida do compartilhamento do lanche trazido pelos participantes.

A décima e última oficina concentra-se na culminância das atividades de leitura literária. As atividades desta oficina concentram-se nas apresentações das produções dos cartazes desenvolvidos pelos grupos na oficina 9. Para isso, a oficina 10 deve ser dividida em dois momentos:

1º momento: os grupos que produziram os cartazes apresentam suas produções para o restante da turma de forma contextualizada, com espaço para falar sobre os aprendizados adquiridos, e suas opiniões a respeito da sequência de atividades de leitura literária realizadas ao longo dos últimos dias. É importante manter um clima cerimonioso durante as apresentações.

2º momento: o(a) professor(a) faz o encerramento das atividades de leitura dos poemas de Alex Polari. É primordial que o(a) professor(a) agradeça a participação de todos e destaque a importância da literatura como elemento transformador e humanizador. É indispensável que se destaque, também, que toda crueldade, truculência e autoritarismo ocorridos durante a ditadura militar não sejam jamais esquecidos.

Após a fala de encerramento do(a) professor(a), todos podem apreciar o lanche compartilhado para o café literário.

Professor(a), a última ação a ser feita é a de expor os cartazes dos participantes em algum espaço da unidade escolar. Preferencialmente, o local para a exposição dos trabalhos deve ser de grande circulação de estudantes, pois isso fará com que os trabalhos tenham mais visibilidade na comunidade escolar.

AGRADECIMENTOS

Caros leitores,

Este caderno de atividades é apenas uma das inúmeras possibilidades para discutirmos a ditadura militar e muitos de seus efeitos que insistem em perdurar.

Entendemos que seja de extrema importância e urgência retratar um tema de tamanha relevância, como é o caso da ditadura, pela voz daqueles que vivenciaram o terror de seus porões, das celas frias, das humilhações, dos choques elétricos e do pau de arara; e que não tem espaço reservado nos livros de história, nos jornais e nos programas de televisão. Essa urgência se dá, sobretudo, em tempos em que parte da sociedade clama pela volta de um regime autoritário e antidemocrático, convencidos de que esse seria um caminho para erradicar possíveis ameaças que atingem os seus interesses.

Dessa forma, é preciso que se mantenha viva a memória do que foi a ditadura militar pela perspectiva dos vencidos, daqueles que não tiveram voz e vez contra as arbitrariedades praticadas pelos agentes do Estado, para que as atrocidades cometidas durante o regime militar sejam ecoadas por gerações na tentativa de evitar que tais horrores voltem a acontecer.



A democracia, com todas as suas imperfeições, ainda é o melhor sistema que se tem para viver, pois garante - mesmo que boa parte em teoria - os direitos fundamentais para a vida em sociedade. Por isso, devemos lutar por sua manutenção e permanência. Acreditamos que parte dessa luta começa dentro das escolas, todos os dias, levando informação e conhecimento para nossos estudantes que provoquem a reflexão sobre seu papel como sujeito do mundo. Foi isso que este trabalho se propôs a fazer.

Portanto, deixamos aqui nossa pequena contribuição para que a literatura volte a ocupar um papel de protagonista nas aulas de língua portuguesa com o gênero poema, gênero este muitas vezes relegado em detrimento de outros; e que por meio dela, possamos tentar transformar e humanizar cada vez mais pessoas.

Ditadura nunca mais!

Obrigado pela leitura e sigamos na luta!



REFERÊNCIAS

ALEX POLARI DE ALVERGA. Tomada de testemunho. Comissão Nacional da Verdade. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/alex_polari_alverga_12_09_2014.pdf. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO - **Brasil**: Nunca Mais. Petrópolis, Vozes, 1985.

BATISMO de sangue. Direção: Helvécio Ratton. Produção Quimera. Brasil, 2006. 1 DVD.

BRASIL. Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968.

BRASIL. Lei nº 9.455, de 7 de abril de 1997. Define os crimes de tortura. Diário Oficial da União.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____. **Vários escritos**. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2011, p. 171-193.

_____. A literatura e a formação do homem. In: _____. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 81-90.



DALVI, Maria Amélia. Educação literária: história, formação e experiências. In: _____ et al. (orgs). **Literatura e educação: história, formação e experiência.** Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018. Disponível em: https://literaturaeeducacao.ufes.br/sites/grupoliteraturaeeducacao.ufes.br/files/field/anexo/ebook_literatura-educacao_historia_formacao_experiencia.pdf. Acesso em 02 de junho de 2022.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2009.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Tantas palavras.** São Paulo, SP: Companhia das letras, 2006, p. 193.

_____. **Tantas palavras.** São Paulo, SP: Companhia das letras, 2006, p. 211.

POLARI, Alex. **Inventário de cicatrizes.** 4. ed. São Paulo: Teatro Ruth Escobar; Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro pela Anistia, 1979a.

_____; FAJARDO, Elias. "A poesia me ajudou a permanecer inteiro". **Tribuna da Imprensa** (RJ) [Ano 1979b/Edição 09151 (1)]. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_03/36591. Acesso em 22 maio de 2022.

_____. **Camarin de prisioneiro.** São Paulo: Global, 1980.

_____. **Em busca do tesouro.** Rio de Janeiro: Codecri, 1982a.

_____. **O Pasquim** [Ano 1982b/ Edição 00687 (2)]. p. 8-10. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/124745/25341>>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SALGUEIRO, Wilberth. **O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari E André Du RAP).** Matranga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S.l.], v. 19, n. 31, dez. 2012. ISSN 2446-6905. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matranga/article/view/22610/16155>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o "real". In: ____ (org). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.



_____. Testemunho da Shoah e literatura. **Revista Eletrônica Rumo à tolerância**. FFLCH-IEL-UNICAMP, 2008, pp.1-16.

_____. O local do testemunho. In: **Revista Tempo e Argumento**, vol. 2, nº 1, enero-junio, 2010, pp. 3-20. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=338130372002>. Acesso em 17 de março de 2022.

_____. Entrevista concedida ao canal Centro de Crítica da Mídia. Minas Gerais. Puc Minas, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gmfc9wXv0Es>. Acesso em 10 de março de 2022.

ZUZU Angel. Direção: Sérgio Rezende. Produção Warner Bros. Pictures, Globo Filmes, Toscana Audiovisual. Brasil: Warner Bros, 2006. 1 DVD.



APÊNDICE - A

POEMAS SELECIONADOS DA OBRA INVENTÁRIO DE CICATRIZES, DE ALEX POLARI

(SELEÇÃO 1)

DIA DA PARTIDA

Aí eu virei para mamãe
naquele fatídico outubro de 1969
e com dezenove anos na cara
uma mala na mão e um 38 no sovaco,
disse: Velha,
a barra pesou, saiba que te gosto
mas que estás por fora
da situação. Não estou mais nessa
de passeata, grupo de estudo e panfletinho
tou assaltando banco, sacumé?
Esses trechos da pesada
que sai nos jornais todos os dias.
Caiu um cara e a polícia pode bater aí
qualquer hora, até qualquer dia,
dê um beijo no velho
diz prá ele que pode ficar tranquilo
eu me cuido
e cuide bem da Rosa.

Depois houve os desmaios
as lamentações de praxe
a fiz cheirar amoníaco
com o olho grudado no relógio
dei a última mijada
e saí pelo calçadão do Leme afora
com uma zoeira desgraçada na cabeça
e a alma cheia de predisposições heróicas.
Tava entardecendo.

(POLARI, 1979, p.16)

TRILOGIA MACABRA (I - O TORTURADOR)

O torturador
difere dos outros
por uma patologia singular
- ser imprevisível
vai da infantilidade total
à frieza absoluta

Como vivem recebendo
elogios e medalhas
como vivem subindo de posto,
pouco se importam pelos outros.
Obter confissões é uma arte
o que vale são os altos propósitos
o fim se justifica,
mesmo pelos meios mais impróprios.

Além de tudo o torturador,
agente impessoal que cumpre ordens superiores
no cumprimento de suas funções inferiores,
não está impedido de ser um pai extremo
de ter certos rasgos
e em alguns momentos ser até generoso.

Além disso acredita que é macho, nacionalista,
que a tortura e a violência
são recursos necessários
para a preservação de certos valores
e se no fundo ele é um mercenário
sabe disfarçar bem isso
quando ladra.

Não se suja de sangue
não macera nem marca,
(a não ser em casos excepcionais)
o corpo de suas vítimas,
trabalha em ambiente assépticos
com distanciamento crítico
- não é um açougueiro, é um técnico -
sendo fácil racionalizar
que apenas põe a serviço da pátria
da civilização e da família
uma sofisticada tecnologia da dor
que teria de qualquer maneira
de ser utilizada contra alguém
para o bem de todos.

(POLARI, 1979, p.29)



**TRILOGIA MACABRA (II - O analista de
Informações)**

Eles se acham muito humanos
quando param de rodar a manivela
começam a fazer só perguntas
e agindo assim nos nivelam
à categoria e aos direitos
dos demais seres humanos.

O analista é geralmente um senhor muito fino
que vela pelo seu prestígio
que fuma cigarros cem milímetros
que se veste à paisana
que usa belas gravatas coloridas
parecendo mais um executivo bem sucedido
do que um assassino.

Eles não torturam pessoalmente
apenas dirigem os interrogatórios
e têm muito orgulho disso
- não são o céu nem o inferno,
são o purgatório.

(POLARI, 1979, p.30)

**TRILOGIA MACABRA (III - A Parafernália da
Tortura)**

Nos instrumentos de tortura ainda subsistem, é verdade,
alguns resquícios medievais
como cavaletes, palmatórias, chicotes
que o moderno design
não conseguiu ainda amenizar
assim como a prepotência, chacotas
cacoetes e sorrisos
que também não mudaram muito.
Mas o restante é funcional
polido metálico
quase austero
algo moderno
com linhas arrojadas
digno de figurar
em um museu do futuro.

Portanto,
para o pesar dos velhos carrascos nostálgicos,
não é necessário mais rodas, trações,
fogo lento, azeite fervendo
e outras coisas
mais nojentas e chocantes.

Hoje faz-se sofrer a velha dor de sempre
hoje faz-se morrer a velha morte de sempre
com muito maior urbanidade,
sem precisar corar as pessoas bem educadas,
sem proporcionar crises históricas
nas damas da alta sociedade
sem arrefecer os instintos
desta baixa saciedade.

(POLARI, 1979, p.31)

OS PRIMEIROS TEMPOS DE TORTURA

Não era mole aqueles dias
de percorrer de capuz
a distância da cela
à câmara de tortura
e nela ser capaz de dar urros
tão feios como nunca ouvi.

Havia dias que as piruetas no pau-de-arara
pareciam ridículas e humilhantes
e nós, ainda éramos capazes de corar
ante as piadas sádicas dos carrascos.

Havia dias em que todas as perspectivas
eram pra lá de negras
e todas as expectativas
se resumiam à esperança algo cética
de não tomar porradas nem choques elétricos



Havia outros momentos
em que as horas se consumiam
à espera do ferrolho da porta que conduzia
às mãos dos especialistas
em nossa agonia.
Houve ainda períodos
em que a única preocupação possível
era ter papel higiênico
comer alguma coisa com algum talher
saber o nome do carcereiro de dia
ficar na expectativa da primeira visita
o que valia como um aval da vida
um carimbo de sobrevivente
e um status de prisioneiro político. (sic)

Depois a situação foi melhorando
e foi possível até sofrer
ter angústia, ler
amar, ter ciúmes
e todas essas outras bobagens amenas
que aí fora reputamos
como experiências cruciais.

(POLARI, 1979, p.33)

CANÇÃO PARA "PAULO" (À Stuart Angel)

Eles costuraram tua boca
com o silêncio
e trespassaram teu corpo
com uma corrente.
Eles te arrastaram em um carro
e te encheram de gases,
eles cobriram teus gritos
com chacotas.

Um vento gelado soprava lá fora
e os gemidos tinham a cadência
dos passos dos sentinelas no pátio.
Nele, os sentimentos não tinham eco
nele, as baionetas eram de aço
nele, os sentimentos e as baionetas
se calaram.

Um sentido totalmente diferente de existir
se descobre ali,
naquela sala.

Um sentido totalmente diferente de morrer
se morre ali,
naquela vala.

Eles queimaram nossa carne com os fios
e ligaram nosso destino à mesma eletricidade.
Igualmente vimos nossos rostos invertidos
e eu testemunhei quando levaram teu corpo
envolto em um tapete.

Então houve o percurso sem volta
houve a chuva que não molhou
a noite que não era escura
o tempo que não era tempo
o amor que não era mais amor
a coisa que não era mais coisa nenhuma.

Entregue a perplexidades como estas,
meus cabelos foram se embranquecendo
e os dias foram se passando.

(POLARI, 1979, p. 36)

APÊNDICE - B

POEMAS SELECIONADOS DA OBRA INVENTÁRIO DE CICATRIZES, DE ALEX POLARI

(SELEÇÃO 2)

CANÇÃO DO PENTOTAL

Era uma madrugada fria
mais negra ainda pelo capuz
tinha um torturador que ria excitado,
outro era capaz de ficar sério
e um que me gostava de chamar de
guerrilheiro filhodaputa. (sic)

Tinha um crioulo
que comia um sanduíche de mortadela
enquanto eu pensava na morte dele
na mortandade dos peixes da Lagoa
e dos companheiros afundados
no mais fundo da Restinga.

Quando me injetaram o soro da verdade
menti descaradamente
fui ficando meio grogue
me lembrei do primeiro amor que fizemos
depois de uma reunião do grupo de estudos
me lembrei de uma maldita valsa de Strauss
do temor pela precariedade do teu esconderijo
do medo de morrer, que era maior
do medo de ficar brocha
que era menor e obviamente
estava subordinado ao primeiro.

Cada vez mais bêbado
falei do filho que não tive contigo
e quando pensei chegado o instante final
gritei pros torturadores algumas frases heróicas
dessas que a gente se esforça em falar
apesar do cagaço.

(POLARI, 1979, p.37)



AS PRISÕES - I

As prisões são assim:
cinzentas e sem sentido.
Nosso espaço e nosso tempo
têm muitos metros quadrados
e poucos mitos
nossos corpos
têm uma administração
carcerária.

Contra nossas vozes
há muros
contra nossa liberdade,
guaritas,
contra nossos lamentos
há murros
e às vezes regulamentos,
dependendo da conjuntura.
(POLARI, 1979, P. 38)

MORAL E CÍVICA - II

Eu me lembro
usava calças curtas e ia ver as paradas
radiante de alegria.
Depois o tempo passou
e eu caí em maio
mas em setembro tava pelaí
por esses quartéis
onde sempre havia solenidades cívicas
e o cara que me tinha torturado
horas antes,
o cara que me tinha dependurado
no pau-de-arara
injetado éter no meu saco
me enchido de porrada
e rodado prazerosamente (sic)
a manivela do choque
tava lá - o filho da puta
segurando uma bandeira
e um monte de crianças,
emocionado feito o diabo
com o hino nacional.

(POLARI, 1979, p. 49)



ZOOLÓGICO HUMANO

O que somos
é algo distante
do que fomos

ou pensamos ser.
Veja o mundo:
ele se move
sem nossa interferência
veja a vida:
ela prossegue
sem nossa licença
veja sua amiga:
ela se comove
por outros corpos
que não o seu.

Somos simplesmente
o que é mais fácil ser:
lembrança
sentimento fóssil
referência ética
apenas um belo ornamento
para a consciência dos outros.

A quem interessar possa:
Estamos abertos à visitaçãõ pública
sábados e domingos
das 8 às 17 horas.

Favor não jogar amendoim.

(POLARI, 1979, p. 41)

INVENTÁRIO DE CICATRIZES

Estamos todos perplexos
à espera de um congresso
dos mutilados de corpo e alma.

Existe espalhados por aí
de Bonsucesso à Amsterdan (sic)
do Jardim Botânico a Paris
de Estocolmo à Frei Caneca
uma multidão de seres
que portam pálidas cicatrizes
esmanecidas (sic) pelo tempo
bem vivas na memória envoltas
em cinzas, fios cruces
oratórios,
elas compõem uma catedral
de vítimas e vitrais
uma internacional de Feridas.

Quem passou por esse país subterrâneo e não oficial
sabe a amperagem em que opera seus carrascos
as estações que tocam em seus rádios
para encobrir os gritos de suas vítimas
o destino das milhares de viagens sem volta.

Cidadãos do mundo
habitantes da dor
em escala planetária

todos que dormiram no assoalho frio
das câmaras de tortura
todos os que assoaram
os orvalhos de sangue de uma nova era
todos os que ouviram os gritos, vestiram o capuz
todos os que gozaram coitos interrompidos pela morte
todos os que tiveram os testículos triturados
todas as que engravidaram dos próprios algozes
estão marcados,
se demitiram do direito da própria felicidade futura.

(POLARI, 1979, p. 51)



CEMITÉRIO DE DESAPARECIDOS

Fala-se à boca miúda
nos corredores do Cisa,
Cenimar e Doi
que a Vanguarda Popular Celestial
(como eles denominam o local que os
guerrilheiros vão depois de mortos)
está sediada em algum ponto da Restinga de Marambaia.
É lá que os corpos dos militantes presos
são jogados à noite de helicóptero:
descrevem uma parábola no ar
abrem uma fenda branca na espuma
se aprofundam e adormecem
sem vingança possível.

(POLARI, 1979, p. 50)



APÊNDICE - C

QUESTIONÁRIO SOBRE AS LEITURAS REALIZADAS DOS POEMAS DE ALEX POLARI

Questão 1 - O que os poemas de Alex Polari dizem para você sobre as questões da vida?

Questão 2 - O que você há de mais importante nos poemas lidos?

Questão 3 - Como você se sentiu após a leitura dos poemas?

Questão 4 - O que você achou de mais marcante na linguagem utilizada pelo poeta?

Questão 5 - Qual dos poemas lidos mais chamou a sua atenção ou mais impactou você? Por quê?

Questão 6 - Por que Alex Polari foi torturado no cárcere?

Questão 7 - O que você faria se estivesse no lugar dele?

Questão 8 - Se pudesse conversar com o autor dos textos, o que perguntaria?

Questão 9 - Quais foram os aprendizados adquiridos por você após as leituras dos poemas?

Questão 10 - Se fosse resumir os textos lidos em uma frase, qual seria essa frase?

Questão 11 - Você já presenciou ou conhece alguém que passou por algum tipo de violência policial? Conte-nos.

Questão 12 - Você acredita que ainda exista tortura nas prisões brasileiras? Explique.

Questão 13 - O que você mais gostou e o que menos gostou das oficinas de leitura literária?

Questão 14 - De que forma os poemas testemunhais de Alex Polari podem contribuir para que eventos como as atrocidades ocorridas durante a ditadura militar não mais aconteçam?

Questão 15 - As oficinas de leitura literária despertaram em você a vontade de realizar novas leituras sobre novas temáticas e novos autores?
